

CONCURSO

do soneto de Cummings

R. Magalhães Júnior e
Daniel Martins Júnior
dividem o 1.º lugar

- 1.º Prêmio 1 volume do livro de crônicas "A Borboleta Amarela".
1 garrafa de uísque "President".
- 2.º Prêmio Recebimento gratuito de MANCHETE durante um ano.
- 3.º Prêmio Recebimento gratuito de MANCHETE durante 6 meses.

É O SEGUINTE O RELATÓRIO DA COMISSÃO JULGADORA :

Em número de 70 (setenta) são as traduções enviadas por 60 (sessenta) concorrentes, dois dos quais remeteram variantes de suas versões.

De tais traduções, 18 (dezoito) são constituídas de sonetos regulares, metrificados e rimados segundo as regras tradicionais, 2 (duas) de sonetos irregulares, assim chamados em virtude de não rimarem entre si os respectivos quartetos e 40 (quarenta) de versões em prosa, sem rima e graficamente dispostas à feição de versos livres.

Se é verdade que o instituidor do concurso não estabeleceu expressamente, ao instituí-lo, que as traduções deveriam ser vazadas na mesma forma fixa em que está vazado o poema original, tal condição, salvo melhor juízo, estava implicitamente compreendida, desde que o poema original proposto para versão era um soneto — e soneto que, se esfumado, vago e intencionalmente impreciso quanto ao seu sentido poético, é de rigorosa precisão no que se refere à sua estrutura formal, obediente à disciplina do soneto tradicional.

Nem se compreende que o objetivo do certame, para o qual foram a princípio convidados a concorrer alguns poetas consagrados, pudesse ser a transplantação vocabular apenas, para o português, do texto inglês proposto; em suma, uma tradução em prosa, linear ou livre, ou mesmo em versos livres, por mais construídos que fossem estes.

É óbvio que o propósito do concurso só poderia ser o de promover a transposição do poema de Cummings para o nosso idioma sob forma literária que tivesse a maior aproximação possível com os elementos de estética poética e de técnica do original.

E, para isso, era condição precípua, tratando-se de poema de forma fixa como é o soneto, de estrofação específica, portanto, a equivalência da estrutura formal do soneto; era indispensável que a tradução, além de em versos rimados e metrificados, fosse vazada na forma de soneto.

Assim julgando e tendo, por isso, como eliminatório o não cumprimento da condição tácita do respeito à forma fixa do poema proposto para versão, considerou esta Comissão eliminadas, para logo, do con-

Podemos anunciar hoje o resultado do concurso de tradução de um soneto de E. E. Cummings, instituído pelo redator destas páginas entre seus leitores.

Seria impossível formar no Rio uma comissão julgadora mais credenciada do que esta que formamos: Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Onestaldo de Pennafort. Depois de ler tôdas as traduções enviadas e de firmar um critério para a escolha, esses três poetas discutiram suas preferências e assinaram um relatório apontando os nomes que em seu entender deveriam ser classificados.

As honras do primeiro lugar foram divididas assim entre o conhecido escritor R. Magalhães Júnior e Daniel Martins Júnior, morador à rua Rosa e Silva, 113, apartamento 13, Santa Cecília, S. Paulo. O segundo lugar coube a Nepomuceno de Araújo, residente à rua Domingos de Sá, 423, Niterói, e o terceiro a Ivo Barroso, residente à rua Pontes Corcêia, 199, apt. 101, Andaraí, Rio. Estes os premiados. Além deles, a direção da revista deseja dar menção honrosa a quatro concorrentes: Hélio Martins, Pinheiro Júnior, Zuleida May Zaidan e Tule Zeb, alguns dos quais tiveram seus trabalhos discutidos entre membros da Comissão. A todos estes, e aos que, por um motivo ou outro (inclusive por nossa culpa, não determinando bem as bases do concurso) não são premiados nem mencionados, os nossos agradecimentos. R. B.

curso, as 40 versões que chamará em versos livres, cujos autores, aliás de modo geral, nem por se haverem, de moto próprio, libertado das peias da métrica, da rima e da estrofação específica do soneto, conseguiram desvendar e traduzir o sentido das principais passagens do poema original.

Não obstante, não seria justo deixar de destacar dentre tais versões a da concorrente que se assina He-loisa Penna, cuja tradução tem alguma construção literária e consegue, de certo modo, dar uma aproximada equivalência em nosso idioma do imponderável poético criado pelo soneto de Cummings.

É inegável que o soneto proposto pelo instituidor do concurso é de difícil, se não impossível, tradução

para o português, como o é, de modo geral, todo poema inglês metrificado e rimado, dadas as diferenças que separam os dois idiomas.

No caso, as dificuldades se multiplicam porque se trata de poema de forma fixa e, sobre isso, de um soneto que, preciso e condensado em seus termos, é, todavia, carregado e vário de significações e de sugestões que projetam a sua quantidade emocional, estética e intelectual, para além dos quatorze versos em que tudo formalmente parece conter-se.

Tendo em vista tôdas essas circunstâncias e considerando que a tradução cem por cento fiel de

um poema de forma fixa, metrificado e rimado, é inenquívulo, estabeleceu esta Comissão um critério de julgamento mercê do qual pudessem ser dados os prêmios às traduções que, reproduzindo até onde cabível, os termos do original, tivessem em português, por outro lado, e talvez principalmente, a melhor construção do ponto de vista da estética poética.

Dentro desse critério, comparadas minuciosamente tôdas as traduções vazadas em sonetos regulares e irregulares, chegou esta Comissão à conclusão de que se poderão classificar da forma adiante enumerada as produções dos concorrentes que se seguem, excluídos os demais — sem embargo de deixar ressalvado que, a seu ver, nenhuma das traduções classificadas atingiu, a rigor, o objetivo do concurso e que era lícito esperar mais, a despeito das inegáveis dificuldades que o tema proposto apresenta.

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1954

A COMISSÃO JULGADORA

Cecília Meireles
(Cecília Meireles)

Manuel Bandeira
(Manuel Bandeira)

Onestaldo de Pennafort
(Onestaldo de Pennafort)

- 1.º Lugar { Raymundo Magalhães Júnior — Como forma portuguesa de um soneto traduzido.
Daniel Martins Júnior — Como maior fidelidade ao texto.
- 2.º Lugar ... Nepomuceno de Araújo.
- 3.º Lugar ... Ivo Barroso.

DUAS PÁGINAS DE

Rubem

Tradução de R. Magalhães Júnior

talvez não seja assim; direi, contudo,
que se teus lábios, que eu amei, tocarem
os de outro, e o coração dêle apertarem
teus dedos fortes; se, como um veludo

outro rosto os cabelos teus roçarem,
docemente, no instante tenso e mudo
em que diz o silêncio mais que tudo
e as palavras não faltam, se faltarem;

se assim fôr, eu te digo, se assim fôr,
fala, querida, e eu próprio lhe direi:
"Aceita tôda esta ventura". E a mão

lhe estendo e parto. E muito longe, amor,
de ti, cantar um pássaro ouvirei
em perdida e terrível solidão.

Tradução de Daniel Martins Júnior

Se não fôr sempre assim; se porventura
noutros lábios teus lábios repousares,
e com teus dedos fortes, enlaçares
o coração de uma outra criatura;
se em outro teus cabelos, com ternura,
deixares repousar, e silenciares,
ou palavras candentes pronunciares
que ajeam ante a mente, em vã procura;
se tal acontecer, minha querida,
dize-mo numa palavrinha suave,
que eu lhe possa almejar, mãos estendidas,
tôda a felicidade desta vida.
E voltarei o rosto, ouvindo uma ave
cantar em terras longes e perdidas.

Tradução de Nepomuceno de Araújo

Talvez jamais isto se dê; porém,
se teus lábios, um dia inesperado,
receberem os beijos de outro — alguém,
como eu — de coração escravizado;

se outro rosto feliz sentir também,
de teu cabelo o afago perfumado
nas horas de silêncio que contêm
repouso para o espírito agitado;

se tudo isto se der, querida amiga,
manda depressa me participar
para que a êle eu me dirija e diga:

"Minha ventura em tuas mãos deponho";
e ouça depois um pássaro cantar
longe, bem longe, no país do sonho.

Tradução de Ivo Barroso

Isso não vai durar a vida inteira; e digo
se teus lábios, que amei, outros lábios tocarem
e os belos dedos teus, fortes, despedaçarem
um coração, como há bem pouco foi comigo;
se noutra face os teus cabelos desluzarem
num tal silêncio que eu provei, ou se, contigo
a proferir palavras loucas, se agitarem,
como alguém que defronta o espírito em perigo;
se acaso acontecer, oh! se isso acontecer —
tu de minh'alma, uma palavra envies, que hei
de buscar êsse alguém, tomar-lhe as mãos
feridas,
dizer-lhe que a ventura é o que lhe vim trazer.
Então, voltando a face, um pássaro ouvirei
a cantar nos confins das regiões perdidas.

O VASSOUREIRO

Em um piano distante alguém estuda uma lição bem lenta, em notas graves. De muito longe, de outra esquina, vem também o som de um realejo. Conheço o velho que o toca, êle anda sempre pelo meu bairro; já fez o periquito tirar para mim um papelucho em que me são garantidos 93 anos de vida, muita riqueza, poder e felicidade.

Ora, não preciso de tanto. Nem de tanta vida, nem de tanta coisa mais. Dinheiro apenas para não ter as aflições da pobreza; poder somente para mandar um pouco, pelo menos, em meu nariz; e da felicidade um salário mínimo: tristezas que possa agüentar, remorsos que não doam demais, renúncias que não façam de mim um velho amargo.

Joguei uma prata da janela, e o periquito do realejo me fez um ancião poderoso, feliz e rico. De rebarba me concedeu 14 filhos, tarefa e honra que me assustam um pouco. Mas os periquitos são muito exagerados, e o costume de ouvir o dia inteiro trechos de óperas não deve lhes fazer bem à cabeça. Os papagaios são mais objetivos e prudentes, e só se animam a afirmar uma coisa depois que a ouvem repetidas vèzes.

Chiquita, a pequenina jabota, passeia a casa inteira, erguendo com certa graça o casco pesado sôbre as quatro patinhas tortas, e espichando e encolhendo o pescoço curioso, tímido e feio. Nunca diz nada, o que é pena, pois deve ter uma visão muito particular das coisas.

Agora não se ouve mais o realejo; o piano recomeça a tocar. Esses sons soltos e indecisos, teimosos e tristes, de uma lição elementar qualquer, têm uma grave monotonia. Deus sabe por-



que acordei hoje com tendência a filosofia de bairro; mas agora me ocorre que a vida de muita gente parece um pouco essa lição de piano. Nunca chega a formar a linha de uma certa melodia; começa a esboçar, com os pontos soltos de alguns sons, a curva de uma frase musical; mas logo se detém, e volta, e se perde numa incoerência monótona. Para quem a vive, essa vida deve ser penosa e triste como o esforço dessa jovem pianista de bairro, que talvez preferisse ir à praia, mas tem de ficar no piano. Na verdade eu é que estou pensando em ir à praia, eu é que estou prêso a um teclado de máquina. Espero que esta crônica tão cansativa e enjoada para mim, possa parecer ao leitor de longe como essa lição de piano me parece no meio da manhã clara: alguma coisa

monótona e sem sentido, ou às vèzes meio desentoadada, mas suave.

Passa o vassoureiro. E' grande, grosso e tem bigodes grossos como todos os de seu ofício. Aos 50 anos darei um bom vassoureiro de bairro. De todos os pregões, o seu é o mais fácil: "vassoura... vassoureiro..." e convém fazer a voz um tanto cava. Êle me parece digno, levando entrecruzadas sôbre os ombrós, numa composição equilibrada e sábia, tantas vassouras, espanadores e cestos. Seu andar é lento, sua voz é grave, sua presença torna a rua mais solene. E' um homem útil.

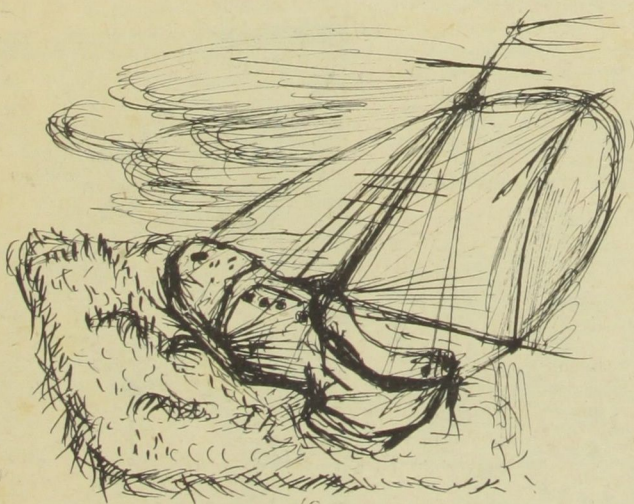
Não ousaria dizer o mesmo de mim; mas, enfim, já cumpri o meu dever, como o velho realejo e a mocinha do piano; vagamente acho que mereço ir à praia.

DOIS POEMAS DE GEIR CAMPOS

GEIR CAMPOS nasceu no Espírito Santo, criou-se no Estado do Rio, mora em Niterói, trabalha no Rio, no escritório da "Orquima", onde é diretor o também poeta Augusto Frederico Schmidt. Estreou com "Rosa dos Rumos", traduziu excelentemente Rilke e, recentemente, publicou uma "Coroa de Sonetos". Hábil como ninguém na técnica do verso, escreve prosa e vai publicar "O Vestíbulo", contos.

CANÇÃO

*Para meus olhos cansados
de tanto fogo, de tanta
poeira que se levanta
dos galopes dos cavalos,
de tanto brilho de espadas,
de tanta rosa de sangue;
para meus olhos cansados
dá-me teus olhos de sombra,
teus fojos olhos de lâ
para eu nêles aquecer
meus olhos trêmulos, frios
de tanta bruma de inverno,
de tanta espuma de mar;
de tanto vento perdido
órfão dos gelos glaciais,
sempre mais polar e mais
estranho, longínquo, frio.
Úmidos botões de estio
decorando a manhã
— põe nos meus olhos vencidos
teus olhos de sombra e lâ!*



VIAGEM

*Meus sapatos cambaios têm algo de navios
entre as ondas imóveis do capacho,
adernando como se as meias, postas só de um lado,
pesassem mais do que ao vento largo todo um velame pando.*

*Na pele da mulher, que é pôrto sôbre os lençóis,
raro se tranqüiliza meu corpo marinheiro
e com a sonda vai assegurando o roteiro
nas praias onde não piscam olhos de faróis:*

*e descubro, enrolando meu novêlo de milhas,
tesouros que os piratas não deixavam nas ilhas.*